

IMAGENS, ESTEREOTIPIAS E SUJEITOS-FALHOS: AFRO-DESCENDENTES E IDENTIDADE ÉTNICA NA IMPRENSA ESCRITA NO VALE DO RIO PARDO¹

Mozart Linhares da Silva*

RESUMO:

O objetivo desta comunicação é apresentar os resultados das análises sobre a construção do imaginário acerca dos sujeitos-falhos, no caso, os afro-descendentes, na imprensa escrita do vale do Rio Pardo. O que se problematiza nas análises é o processo de construção das estereotipias sociais e étnicas no conjunto dos discursos identitários da Região do Vale do Rio Pardo, nomeadamente, os municípios de colonização germânica. Como os sujeitos-falhos são construídos e subjetivados a partir das imagens veiculadas na imprensa escrita? Quais os estereótipos construídos e como estes podem ser estrategicamente articulados como contrastantes pelas narrativas identitárias da região, narrativas, vale lembrar, norteadas pelo germanismo? A análise compreende o período de 1970-2000, período marcado pela retomada do discurso étnico-racial, passado o recalque da II Guerra, e propagação das identidades comunitárias e regionais num mundo marcado pelo avanço da globalização.

PALAVRAS-CHAVE: Imaginário; Etnicidade; sujeitos-falhos, Imprensa

ABSTRACT:

The objective of this communication is to present the results of the analysis about the construction of the imaginary regarding to the fail-subjects, in case, the afro-descendents, in the written press of Vale do Rio Pardo. The problem we bring in the analysis is the processo f the construction of the social and ethnics stereotopies in the whole identitary speeches of the region of Vale do Rio Pardo, nominaly, the municipalities of German colonization. How are the fail-subjects constructed and subjetivated starting from the images linked to the written press? Which are the stereotypes constructed and how can these be strategically articulated as contrastants by the identitary narratives of the region, narratives, it is worth to remember led by the Germanism? This analysis understands the period of 1970-2000, period spotted by the ethnic-racial speech recovery, passed the repress of the II World-War, and propagation of the communitary and regional identities in a world market by the advance of globalization.

KEY-WORDS: Imaginary; ethnicity; fail-subjetc, press

Introdução

Este artigo apresenta alguns resultados, considerados parciais, do projeto de pesquisa intitulado *Identidade e diferença: a construção do sujeito negro na imprensa no Vale do Rio Pardo (1950-2000)*, pertencente à linha de pesquisa *Identidade e Diferença na Educação*, do Programa de Pós-graduação em Educação da UNISC.

Enfatizamos, nesse artigo, as análises iniciais acerca da construção do sujeito negro na imprensa do Vale do Rio Pardo, sobretudo de Santa Cruz do Sul, maior cidade da região e marcada pelo discurso identitário germânico. O que se problematiza nesse trabalho é justamente o processo de construção do sujeito negro a partir da “identidade” étnica

¹ Essa pesquisa conta com apoio CNPq, FAPERGS e PUIC-UNISC.

* Doutor em História pela PUCRS (com extensão em Coimbra), Professor do Departamento de História e Geografia, do Programa de Pós-graduação em Educação e colaborador no Programa de Pós-graduação em

2

germânica a partir da imprensa escrita. Destacam-se, como objeto de estudo, as imagens veiculadas e as matérias a elas referentes que permitem a caracterização dos estereótipos identitários utilizados como contrastivos à identidade considerada homogênea na região, no caso, a germânica.

Identidade étnica e germanismo no Vale do Rio Pardo

Dentre os municípios que compõem a região do Vale do Rio Pardo destaca-se Santa Cruz do Sul, considerada pólo econômico regional e cidade mais populosa. Santa Cruz do Sul é considerada uma das principais cidades oriundas do processo migratório ocorrido na metade do século XIX, mais precisamente em 1849, quando os primeiros imigrantes alemães chegaram para ocupar os primeiros lotes demarcados na região que na época pertencia ao Município de Rio Pardo, importante centro comercial no oitocentos.

As narrativas identitárias que caracterizam a região de Santa Cruz do Sul têm como referencial justamente a tradição imputada aos imigrantes que povoaram a localidade. Tanto o imaginário popular como a historiografia regional apontam para uma construção identitária consubstanciada pela homogeneidade do tipo étnico que formou a sociedade regional, no caso, o germânico.

É necessário, nos estudos acerca da etnicidade, que se aprofunde as análises acerca das relações interétnicas em nível regional no Brasil, sobretudo nos estados do Sul, marcados pelo processo imigrante desde o século XIX e cuja identidade, nos seus aspectos mais amplos, apontam esse processo como distintivo e diferencialista em relação à etnicidade nacional. Esses estudos implicam a análise do racismo e da produção dos discursos comunitaristas, comumente segregadores e homogeneizadores. Destacam-se, nesse caso, o papel da historiografia regional e da imprensa que, a seus diferentes modos, produzem narrativas legitimadoras e reificadoras dos mitos, memórias e identidades regionais.

As identidades estão intimamente relacionadas com a criação de memórias sociais e/ou comunitárias que, segundo Maurice Halbwachs, são construções sobre o passado que os grupos sociais fazem a partir das vivências do presente, o que significa que a memória social está relacionada com a politização da própria memória e de sua condição, ou seja, o esquecimento (Ver: HALBWACHS, 1990).

Entende-se identidade cultural ou étnica como construções abertas e marcadas por processos de hibridização não controláveis, calcadas em deslizamentos e construções míticas, narrativas e discursos sempre diferidos, marcados pela diferença (Ver: SILVA 2007: cap. V e 2005; SILVA 2000, HALL, 2003).

A produção das narrativas legitimadoras da identidade cultural de Santa Cruz do Sul estão calcadas numa historicidade implicada em processos mitificadores e proselitistas do imigrante alemão como corolário ético e étnico do processo civilizador da região. É como se a ocupação da região tivesse ocorrido num vazio geográfico e histórico, como se no território onde chegaram os primeiros imigrantes não houvesse outras etnias e culturas já estabelecidas. A negação da diversidade cultural torna-se a tônica do discurso étnico na historiografia regional, ou melhor, da comunidade étnica regional.

Para melhor ilustrarmos o processo de construção da identidade cultural e étnica de Santa Cruz do Sul e seus desdobramentos sociais, sobretudo as estereotípias étnicas que promovem processos de exclusão das diferenças, destacamos quatro eixos temáticos, que comentaremos brevemente em conjunto.

O primeiro diz respeito à ética do trabalho como matriz do espírito empreendedor e civilizatório dos imigrantes germânicos. O segundo está relacionado às moralidades e aos comportamentos cotidianos, como a manutenção da língua; o terceiro relativo ao mito do pioneiro como matriz genealógica da comunidade, e o quarto ao diferencialismo étnico estruturado em discursos contrastivos da identidade cultural.

Giralda Seyferth ao estudar a identidade étnica alemã no Rio Grande do Sul faz a seguinte consideração que ajuda a entender estas relações contrastivas:

o processo de colonização se tornou símbolo da etnicidade e modelo contrastante em relação à sociedade brasileira mais ampla. A imagem do imigrante alemão que dignifica o trabalho remete a uma apropriação simbólica da história da colonização – uma imagem construída por oposição a brasileiros estereotipados, num contexto de identidades contrastivas (1994: 23).

Neumann destaca que na obra *O patriótico governo do General Jose Antonio Flores da Cunha – o trabalho allemão no Rio Grande do Sul*, de Antônio Soveral, publicado em 1935, encontra-se uma referência significativa da visão ufanista da ética do trabalho alemão relacionada ao determinismo racial. Soveral, nessa obra, se refere ao

trabalho dos alemães no Rio Grande do Sul como algo “fora do comum”, além de diversos elogios à raça alemã, donde, na visão do autor, só poderia ter descendido a figura de Adolph Hitler que “tem dado sobejas provas do seu valor” sendo que “a sua maior virtude, reside no seu grande amor pela Pátria, unida, forte e respeitada, como nos tem demonstrado desde que subiu ao poder. (Ver: NEUMANN, 2006: 14).

Marion Brepohl de Magalhães chama a atenção para os elementos norteadores do senso comunitário germânico, marcantes no início da colonização, sobretudo os aspectos relacionados à educação, à religião e ao associativismo.

É neste período que a prática associativa e o número de impressos de origem teuta passam a adquirir maior expressividade. Sociedades de canto, recreativas, desportivas, religiosas, beneficentes, de assistência técnica e de operários se organizam de forma mais sistemática em quase todos os municípios do sul em que houvesse imigrantes e descendentes alemães. Escolas e igrejas são fundadas, em nome da preservação da identidade religiosa e lingüística, sob o princípio da manutenção da germanidade (1998: 40).

A importância da língua na manutenção dos valores da comunidade é comumente apontada pela historiografia regional. Destaca-se, nesse sentido, a relação entre a língua e a manutenção de princípios éticos e morais, como na citação abaixo, onde a autora faz uma defesa política da valorização da língua como elemento estruturante da manutenção da cultura germânica:

Os principais motivos que justificam a importância da preservação da língua alemã são: a) é preciso preservar a nossa cultura, origem e tradições; b) é importante manter sempre viva a nossa história, preservando a nossa identidade; c) é a nossa cultura, da qual devemos ter orgulho; d) manter viva a língua é importante, porque povo que não preserva raízes e não cultiva o seu passado perde a sua identidade, perde a memória (...)” (AZAMBUJA, 2002: 18-19 e 79).

A colonização é entendida assim como uma epopéia civilizatória que, partindo de todas as dificuldades iniciais, consegue emergir triunfalmente. A figura “heróica” que emerge desse tipo de argumento é a do colono pioneiro, que transformou a selva brasileira em civilização, apesar de todas as dificuldades e da omissão do Estado” (SEYFERTH, 1994b: 107).

No caso do pioneiro imigrante vários autores apontam como ele foi traduzido miticamente pela comunidade e pela historiografia mais tradicional. Para Seyferth, “O pioneirismo dos colonos, a eficiência do colonizador teuto, são contrapostos a uma imagem estereotipada do brasileiro rural, desqualificado como caboclo por todo um conjunto de características desabonadoras, remetidas a uma condição de inferioridade racial” (1994b: 110).

A construção de discursos contrastivos como legitimador da identidade germânica é evidenciado em inúmeras situações cotidianas, como na imprensa e, sobretudo, na historiografia regional. Nesse caso merece destaque as referências aos luso-brasileiros e afro-descendentes, comumente associados ao escravismo e a uma colonização exploratória pouco empreendedora do Império Português.

Num levantamento realizado entre os anos de 2005 e 2007 (Ver: SILVA, 2007) a partir da aplicação de 556 questionários, evidenciamos como a comunidade de Sana Cruz do

Sul narra sua identidade utilizando as estratégias contrastivas.² Citamos alguns dos dados levantados.

A questão referente às características consideradas presentes e muito presentes no município de Santa Cruz do Sul (SCS) e no Brasil (BR), respondida apenas pelos naturais de SCS, temos os seguintes dados: Higiene e limpeza, 79,02% SCS e 31,3% BR; Tolerância, 57,57% SCS e 34,31% BR; Laboriosidade, 67,41% SCS e 41,12% BR; Racismo, 55,33% SCS e 74,90% BR. Quando perguntados sobre as causas da criminalidade no município, 75,56% dos respondentes naturais de SCS apontaram que a “marginalização social” é um fator relacionado à falta de iniciativa para o trabalho de alguns segmentos da população. A propensão genética como causa da criminalidade na região foi apontada 32,22% dos naturais de SCS contra 22,82% dos não-naturais. Perguntados sobre se “É favorável que pessoas de diversas etnias venham residir em Santa Cruz do Sul?”, os naturais apontam que não são favoráveis, com um índice de 27,39%, enquanto os não-naturais apresentam para a mesma questão um índice de 13,44%. Por último, à pergunta sobre se a miscigenação é um dos fatores que prejudica o desenvolvimento do Brasil, os naturais responderam que sim em 31,34% contra 16,94% dos não-naturais.

Importa demonstrar a partir de agora como a imprensa escrita de Santa Cruz do Sul, nomeadamente o jornal *Gazeta do Sul*, o maior jornal de circulação do Vale do Rio Pardo, contribuiu para legitimar as narrativas identitárias bem como os estereótipos relacionados aos afro-descendentes, considerados nos aspectos timbrados pelos estigmas sociais como a pobreza, marginalização, alcoolismo, criminalidade, desemprego, migração, entre outros.

Sujeitos-falhos: a produção do sujeito negro na imprensa

É importante situar o período em que estamos focalizando as análises. O contexto dos anos 1970-1980 é marcado pelo reavivamento do discurso étnico, não só em Santa Cruz do Sul, evidentemente, mas no mundo ocidental como um todo. Trata-se de um fenômeno relacionado à decadência do recálque da “raça” oriundo do período pós Holocausto.

Na Europa eles (esses sintomas do racismo) são mais marcantes agora que as ciências raciais não estão mais caladas pelas memórias de sua cumplicidade ativa no genocídio dos judeus europeus. O clima moral e político específico que emergiu como resultado do nacional socialismo e das mortes de milhões de pessoas foi um fenômeno transitório (GILROY, 2007: 45).

² Os dados coletados pelos 556 questionários aplicados apresentam o posicionamento tanto das pessoas naturais de Santa Cruz do Sul (321 ou 57,73%) como de pessoas que estudam, trabalham ou passaram a residir na cidade (235 ou 42,27%). Para o perfil dos entrevistados bem como para a análise completa dos dados ver: SILVA, 2007.

No caso das regiões de colonização germânica no Sul do Brasil, nomeadamente Santa Cruz do Sul, soma-se ao fenômeno acima mencionando a questão da Campanha de Nacionalização implementada por Getúlio Vargas no contexto da entrada na Guerra junto aos aliados. Tendo os alemães como inimigos, as colônias mereceram atenção especial e a política de repressão e controle foi articulada, sobretudo no que diz respeito à proibição da utilização do idioma alemão em lugares públicos (Ver: NEUMANN, 2006). Os relatos acerca dos traumas vivenciados pelos descendentes de alemães apresentados pela historiografia bem como da participação de muitos da comunidade da época em sociedades ou agremiações nazistas nos permite evidenciar um contexto norteado pelo medo, no caso no período da campanha de nacionalização e vergonha no período pós-guerra (Ver: KIPPER, 1979). Seguindo a tendência mais ampla de reavivamento étnico, o germanismo em Santa Cruz do Sul também é reativado. Após os anos 1970 os “traumas” causados pela Campanha de Nacionalização do Estado Novo haviam sido “superados”. Exemplo de manifestação dessa natureza é a declaração de Nelson Bender na ocasião da criação do Grupo de Danças Folclóricas de Santa Cruz do Sul (vinculado a Secretaria Municipal de Turismo). Segundo ele o fato de ainda não existir um grupo organizado, seria “a falta de iniciativa ou o receio que muitos ainda possam sentir de participar deste tipo de apresentações” (Ver: SKOLAUDE, 2008).

A partir do final dos anos 1970 tem início em Santa Cruz do Sul um processo de revigoração do discurso étnico germânico, imbuído de “resgatar” os elementos característicos da cultura alemã “trazida” pelos antepassados. Com esse objetivo foi organizado, em 1977, de um “Concurso de Monografias” intitulado “Santa Cruz do Sul – Aspectos de sua História”, que pode ser considerado um marco importante desse movimento de renascimento do germanismo (GAZETA DO SUL, 1978 nº 119: 6).³

Na mesma direção é criada, em 1984, a Oktobertfest, festa que tinha por objetivo apresentar e divulgar a cultura alemã na região e no Estado. O Centro Cultural 25 de Julho, criado em de 1986, também tinha a finalidade de “resgatar” e divulgar a cultura germânica.⁴

As análises realizadas no jornal Gazeta do Sul dão conta do movimento germânico na região. Nos anos 1980 assistimos o incremento da política que nos anos de 1990 e 2000 serão legitimadas. É nesse contexto entre 1970 e 2000 que analisamos a situação das comunidades

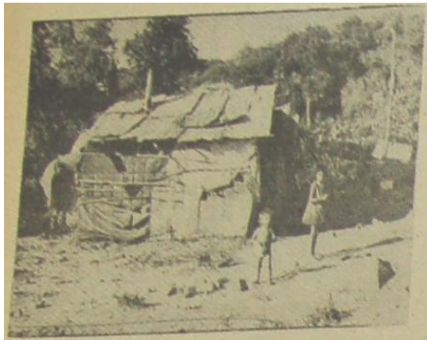
³ Destaca-se ainda, em 1980, a fundação do grupo de danças folclóricas, por parte da Secretaria Municipal de Turismo de Sana Cruz do Sul. Segundo Skolaude, “o motivo da iniciativa, segundo o Prefeito Arno Frantz seria *“reavivar o folclore alemão”*” (Ver: SKOLAUDE, 2008)

⁴ A Oktobertfest é criada no mesmo ano da criação da fets homônima em Blumenau, Santa Catarina, cidade também caracterizada pela identidade cultural germânica. (Ver: SKOLAUDE, 2008).

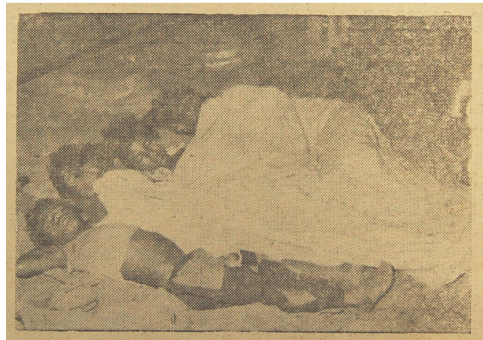
7

afro-descendentes a partir do discurso mediático. É a este material que nos atemos abaixo. Organizamos as imagens e as matérias jornalísticas em séries temáticas. Apresentamos aqui poucos exemplos dessas séries com objetivo mais ilustrativo do que analítico.

A ampliação do setor fumageiro na região de Santa Cruz do Sul, período de internacionalização do setor, a partir dos anos 1960, motivou movimentos migratórios de outras localidades para a região. Em função desse movimento muitas reportagens no jornal chamavam a atenção para os problemas advindos do fenômeno e para os riscos de maculação da identidade cultural. Destacam-se, como exemplo, as seguintes imagens relacionadas a matérias sobre imigração e chegada de forasteiros ao município de Santa Cruz.



1. “Não é preciso sair da bela e valorosa Santa Cruz do Sul para encontrar o outro lado da moeda”. *Gazeta do Sul*, 27-01-1979.



2. “Problemas de indigência chegam ao interior”. *Gazeta do Sul*, 25-01-79.

O negro geralmente é associado ao tipo forasteiro o que sinaliza para dois fatores: o primeiro diz respeito a sua vinculação com os tipos indesejados causadores da desordem sócio-econômica e o segundo diz respeito à memória histórica da região que silencia sobre a participação dos escravos e dos negros no processo inicial de ocupação espacial.



3. SCS reage contra migração de desempregados – *Gazeta do Sul*, 13-02-1993.



4. “População cresce, miséria mais ainda”, capa. *Gazeta do Sul*, 27-01-1979.

A relação entre a chegada de forasteiros, desemprego, miséria e assistencialismo é comumente tratada na imprensa local. Nas imagens abaixo colocamos dois exemplos muito comuns.



5. “Maria, mãe de 15 filhos, deseja apenas ‘barriga cheia e os meninos andando no caminho certo’”. *Gazeta do Sul*, 12-05-1979

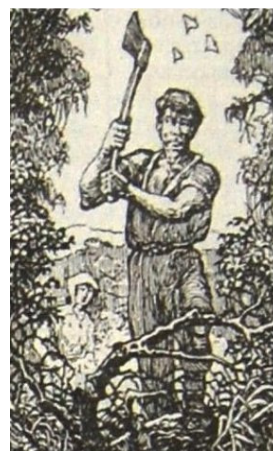


6. “Em busca de auxílio”. *Gazeta do Sul*, 04-09-2002

Quando a temática do imigrante é tratada na imprensa o contraste entre descendentes de alemães e afro-descendentes é marcado por valores e comportamentos que, entre outros, remetem a ética do trabalho. A imagem do imigrante trabalhador e do forasteiros indolente é corriqueira.



7. “O começo da colonização do rio Grande do Sul”. *Gazeta do Sul*, Especial. 25-07-2002, p. 14.



8. “O começo da colonização do rio



9. Comércio de fixas em postos de saúde é rotina. Gazeta do Sul, 15-08-1992



10. Protesto de vendedores ambulantes da rodoviária. Gazeta do Sul. 24-11-1990.

Considerações finais

Em que pese os poucos exemplos possibilitados nesse espaço, o texto procurou mostrar como a imprensa contribuiu na constituição dos estigmas sociais e nos processos de estereotipização da alteridade, no caso, dos afro-descendentes, numa região marcada pelo discurso triunfalista do imigrante de origem alemã.

Referências

- AZAMBUJA, Lissi Iria Bender. *Língua Alemã: um legado dos imigrantes alemães para Santa Cruz do Sul – RS*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.
- De LUCA, Tania Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: UNESP, 1999.
- GILROY, Paul. *Entre campos: nações, culturas e o fascínio da raça*. São Paulo: Annablume, 2007.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*, São Paulo, Biblioteca Vértice, 1990.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizontes: UFMG, 2003.
- KIPPER, Maria Hoppe. *A Campanha de Nacionalização do Estado Novo em Santa Cruz do Sul (1937-1945)*. Santa Cruz do Sul: APESC, 1979.
- Jornal *Gazeta do Sul*, 1978, nº 119
- MAGALHÃES, Marionilde Brepohl de. *Pangermanismo e nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1998.
- NEUMANN, Marinês Teresinha. *Narrativas identitárias e associativismo de tradição germânica na região de Santa Cruz do Sul: o discurso da identidade regional (1850-1950)*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.
- SEYFERTH, Giralda. “A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica”. In: MAUCH, Cláudia e VASCONCELLOS, Naira. (Orgs.) *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: Ed. ULBRA, 1994.
- SEYFERTH, Giralda. Identidade étnica, assimilação e cidadania. A imigração alemã e o Estado Brasileiro. RBCS nº 26, ano 9, outubro de 1994b.
- SEYFERTH, Giralda. As identidades dos imigrantes e o melting pot nacional In: *Horizontes Antropológicos* (Relações interétnicas), Porto Alegre, ano 6, n. 14, p. 143 – 176, nov. 2000.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. “A produção social da identidade e da diferença”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). *Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, Mozart Linhares da. "Identidade Cultural e alteridade: uma crítica ao essencialismo". Anais do V Fórum Nacional de Educação e VIII Seminário Regional de Educação Básica: educação, mídia e valores. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005, pp. 200-212.

SILVA, Mozart Linhares da. *Educação, etnicidade e preconceito n Brasil*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.

SKOLAUDE, Mateus Silva. *Identidades rasuradas: o caso da comunidade afro-descendente de Santa Cruz do Sul (1970-2000)*. Santa Cruz do Sul. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional (mestrado e doutorado) da UNISC, 2008.